

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC**

**CURSO DE ARTES VISUAIS - BACHARELADO**

**MAURICIO BITTENCOURT**

**A ARTE COMO CORPOREIDADE DA IDENTIDADE CULTURAL**

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**MAURICIO BITTENCOURT**

**A ARTE COMO CORPOREIDADE DA IDENTIDADE CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de bacharel no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ma. Aurélia Regina de Souza Honorato

**CRICIÚMA, JUNHO DE 2011**

**MAURICIO BITTENCOURT**

**A ARTE COMO CORPOREIDADE DA IDENTIDADE CULTURAL**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Bacharel, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Processos e Poéticas.

Criciúma, 30 de junho de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

Profa. Aurélio Regina de Souza Honorato - Mestre - (UNESC) - Orientador

Profa. Helene Gomes Sacco Carbone - Mestre - (UFRGS)

Prof. Marcelo Feldhaus - Especialista - (UNESC)

**Dedico à minha família, amigos e professores que fizeram a diferença.**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a minha orientadora Aurélia que acreditou em mim até o último minuto e me ajudou em todos os momentos; a minha amiga Manoela que me agüentou todos os dias e me apoiou em todos os momentos; a minha colega e amiga Andréa pelo incentivo; a minha “chefe” e amiga Daniele por todos os livros e as conversas esclarecedoras sobre arte contemporânea; a Helene Sacco, pelas primeiras conversas sobre o TCC e o direcionamento; e a minha família por todo o suporte dado. Sem esquecer e em especial, minhas duas colegas e amigas que foram o suporte durante todo o curso e com certeza sem elas essa jornada não seria metade da diversão e do conhecimento que foi: Ana Clara Picolo e Vanessa Levatti Biff.

“A arte consiste em fazer os outros sentir o que nós sentimos, em os libertar deles mesmos, propondo-lhes a nossa personalidade para especial libertação.”

**Fernando Pessoa**

## RESUMO

Esse trabalho vem da necessidade de trazer uma reflexão acerca de corporeidade, olhando para a arte, o corpo e a cidade. A pesquisa busca compreender como os processos artísticos podem contribuir para possíveis mudanças no sujeito e na sociedade. Traz como problema de pesquisa: Como a arte contemporânea vem problematizando a questão da corporeidade de forma a contribuir para a valorização do diferente? Essa é uma pesquisa em arte. Quanto aos procedimentos metodológicos é bibliográfica, qualitativa e segue a linha de Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais - Bacharelado, apresentando também uma produção artística. Os resultados alcançados foram válidos trazendo um paralelo entre o ser diferente e fazer a diferença, entendendo a ligação entre os processos de construção de identidade e o processo artístico.

**Palavras-chave:** Arte Contemporânea. Corpo. Identidade. Cidade

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Banda X-japan – o início do VK.....	13
Figura 2 – Banda Versailles – expansão do VK.....	14
Figura 3 – Jovens nas Ruas de Harajuku no Japão.....	17
Figura 4 – Experiência n.3, 1956 – Flávio de Carvalho.....	25
Figura 5 – Ensacamento de Estátua pelo grupo 3Nos3.....	27
Figura 6 – Refluxo Urbano.....	30



## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>9</b>
<b>2 MUDANÇA CULTURAL .....</b>	<b>12</b>
<b>2.1 Apropriação e Identidade .....</b>	<b>13</b>
<b>2.2 Identidade Cultural.....</b>	<b>15</b>
<b>3 O CORPO .....</b>	<b>18</b>
<b>3.1 CORPO e ARTE .....</b>	<b>19</b>
<b>3.2 CORPO e CIDADE .....</b>	<b>21</b>
<b>4 A EXEMPLO OS ARTISTAS .....</b>	<b>23</b>
<b>4.1 Flávio de Carvalho .....</b>	<b>23</b>
<b>4.2 3Nós3.....</b>	<b>25</b>
<b>5 A METODOLOGIA e A OBRA.....</b>	<b>28</b>
<b>6 CONCLUSÃO .....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>35</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde criança tenho interesse pela cultura japonesa, que surgiu através dos Animes e Mangás, depois ele foi se expandido para a questão da história do Japão, a filosofia, e a música japonesa. Dentro do cenário musical japonês, que é o segundo maior mercado da música no mundo (apesar de ser praticamente desconhecido nas Américas), existe um movimento musical que surge nos anos 80 dentro do J-rock chamado Visual Kei, sobre o qual explicarei logo adiante. Os conceitos e a beleza desse estilo me atraem muito. Vendo que os jovens japoneses e até alguns adultos, não só os músicos, começaram a sentir necessidade de expressar quem são por meio de gostos que para a cultura brasileira podem parecer exóticos, como roupas “extravagantes”<sup>1</sup>, cabelos coloridos, piercings, tatuagens e maquiagem (tanto homens quanto mulheres) utilizados como forma de expressão e arte, geralmente para se encontrarem em centros urbanos nos finais de semana, afim de expressarem seus gostos à vontade, além de vestirem-se da forma como se sentem bem e acham bonito, sem se importarem com o que os outros vão pensar. Percebo na história do Japão que esses visuais podem ter vindo da necessidade de buscar uma identidade.

Ao mesmo tempo percebo no Brasil uma falsa moral apoiando a maneira como é explorada sexualmente a questão do carnaval -, e tendo preconceito com as diferentes maneiras de se vestir e de se expressar, a exemplo nas cores de cabelo, modificações do corpo (como piercings e tatuagens) e a androginia.

A arte é o “local”<sup>2</sup> onde cada leitura é individual, cada significado é único, e cada sujeito, na sua singularidade e na sua capacidade de interrelações, não precisa submeter-se a outro.

Esse trabalho vem da necessidade de trazer uma reflexão acerca de moral, costumes, e valores. De trazer por meio dos reflexos urbanos do sujeito contemporâneo fragmentado e das manifestações artísticas contemporâneas uma quebra de paradigmas da sociedade brasileira. A pesquisa busca compreender

---

<sup>1</sup> Utilizo aspas em extravagante porque é um conceito relativo e eu o trago aqui como algo fora do padrão.

<sup>2</sup> Utilizo aspas em local pra trazer uma conexão com o local: corpo e o local:cidade, no sentido de território.

como os processos artísticos podem contribuir socialmente para possíveis mudanças. Desta forma traz como problema de pesquisa: Como a arte contemporânea vem problematizando a questão da corporeidade de forma a contribuir para valorização do diferente?

E é com o pensamento de que as formas de expressão humanas e a busca da identidade do sujeito devem ser estimuladas que pretendo responder aos questionamentos que me motivaram nesta pesquisa.

Qual é a influência das tribos urbanas na formação da identidade cultural do sujeito? Quais os artistas que trazem questionamentos sobre corpo e identidade? Qual é o elo entre Identidade e Arte? Quais manifestações artísticas vêm trazendo essas reflexões no cenário atual da arte?

Para esta pesquisa, busco autores que refletem acerca, de corpo, moda, identidade e arte como: Kathia Castilho (2008), Kathia Canton (2011), Stuart Hall (2005), Fernando Chocchiarale (2006).

Castilho, por suas reflexões acerca de moda como expressão trazendo conceitos atuais do significado da vestimenta como formação da identidade. Canton pelo corpo como objeto de arte, de suas metamorfoses, poéticas e estéticas. Hall, por sua vasta pesquisa sobre a construção do sujeito contemporâneo e seus fragmentos, e caracterização da identidade cultural do pós-moderno. E Cocchiarale por seu trabalho em conceitos de arte contemporânea e as conexões com identidade cultural e fragmentada aliado a realidade brasileira. Entre outros que estudam arte, corpo e identidade e seus reflexos na sociedade contemporânea.

Objetivando entender meus questionamentos e buscar respostas para a pesquisa, será feito um levantamento bibliográfico sobre a questão arte – corpo – identidade, trazendo artistas que dialogam com essas reflexões. Trazendo as conexões entre o visual shock do Japão e as tribos urbanas através do reflexo corpo-cidade.

Espero com esta pesquisa contribuir para repensar os conceitos de moral e ética sobre o corpo, e valorizar a expressão e a busca da identidade no corpo e nas manifestações artísticas. A pesquisa será estruturada em cinco capítulos. No primeiro, chamado “Visual Shock e Mudança Cultural” trago uma explanação sobre o visual shock no Japão e suas contribuições para a cultura e a identidade cultural japonesa. No segundo capítulo, apresento visões sobre o corpo como reflexo da identidade sua relação com arte e as interrelações corpo-cidade. O capítulo três trata

de uma investigação sobre artistas que trabalham com o corpo como expressão e suporte para expressão. No quarto capítulo apresento a obra que conceitua com o tema pesquisado e sua problematização. E No quinto e ultimo capítulo trago uma análise sobre o resultado da pesquisa e os objetivos alcançados a partir de minhas considerações finais.

## 2 MUDANÇA CULTURAL

Esse capítulo traz uma breve introdução ao movimento estético musical japonês conhecido como Visual Kei e suas influências na sociedade japonesa bem como reflexões sobre identidade cultural e identidade do sujeito.

Em seu trabalho sobre as releituras do Japão através do rock Ohara (2010) nos conta dos momentos importantes que o Japão passou após a 2ª guerra mundial. Toda a instabilidade social e cultural que havia naquele momento onde o discurso nacionalista foi aplicado a política, para que fosse possível reconstruir o país. Ele nos apresenta a entrada do rock no Japão através dos Beatles e logo em seguida a criação de bandas com influência de sonoridade e estética de grandes grupos ocidentais. E que em meados dos anos 80 um movimento estético que incorporava o visual extravagante e a sonoridade do glam rock<sup>3</sup> ocidental, começou a ser criado. Ohara (2010) também nos diz que com a popularização do estilo, o fim dos anos 80 e o início dos anos 90 viram surgir mais e mais bandas inspiradas nos cabelos coloridos e arrepiados, com roupas de couro e vinil e maquiagem pesada. Nomeou-se essa estética através do mote impresso na capa do segundo álbum da banda X JAPAN – a partir de então as bandas seriam tratadas como bandas de rock “visual kei”.<sup>4</sup>

---

<sup>3</sup> A palavra Glam Rock é abreviação de Glamour Rock e trata-se de um gênero musical nascido nos anos 60, marcado por trajes andróginos, maquiagem e músicas performáticas.

<sup>4</sup> A palavra japonesa “kei” [romanização do kanji “系”] designa algo como “família” ou “ramo”. A tradução mais próxima do termo “visual kei” seria, então, “linhagem visual”. Essa mesma palavra, “kei”, também é usada para designar outros sub-gêneros musicais. Portanto, o termo não carrega em si algo especial. No ocidente, no entanto, há grande discussão entre os fãs sobre a nomenclatura.



Figura 01 – Banda X-japan – o Início do Visual Kei  
Fonte: <http://3.bp.blogspot.com/>

## 2.1 Apropriação e Identidade

O Japão cresceu significativamente no contexto pós-guerra, e a juventude sentia-se insignificante no meio da multidão de pessoas, de prédios e do crescimento da cidade. “Encontramos aqui, a figura do indivíduo isolado, exilado ou alienado, colocado contra o pano-de-fundo da multidão ou da metrópole anônima e impessoal”. (HALL, 2005,p.32). Esse indivíduo sente a necessidade de portar-se como sujeito atuante do meio em que vive, precisa comunicar-se.

Os jovens que nasceram nessa época, têm uma necessidade enorme de expressarem-se, de sentirem-se únicos. A partir dessa necessidade de significar desse povo que acaba de sair de um patriotismo político, o movimento estético

## Visual Kei vira moda.

Moda teria um significado muito próximo à construção da identidade subjetiva e individual do sujeito e estaria presente a partir do momento em que se começa a obedecer a mudanças cíclicas e estilísticas propagadas e aceitas socialmente (CASTILHO, 2008. p.32).



Figura 02 – Banda Versailles – Uma das expansões do Visual Kei  
 Fonte: <http://jstation0.files.wordpress.com/2010/01/versailles.jpg>

Os jovens japoneses se apropriaram desse visual e criaram variações baseadas nesse conceito. Muitos dos traços desse movimento incluem a utilização de elementos antes só utilizados pelo público feminino, como maquiagem, roupas delicadas, e detalhes que buscam uma androginia, algo realmente chocante em um país sexista como o Japão.

Desde que nasce, o ser humano é marcado pelo social, como se sua nudez natural fosse absolutamente inadmissível, insuportável, vista como perigosa. Logo que a criança aparece, a sociedade apodera-se dela, manipula-a, veste-a, forma-a e deforma-a, utilizando algumas vezes até uma certa violência. (BOREL apud RAMOS, 199?).

Conforme CASTILHO (2008) é normal que para significar-se, o sujeito busque utilizar o corpo como suporte. Para ela “Ele, o corpo, constrói assim significados, manifestações textuais que se deixam apreender e significar pelos efeitos de sentido



que produzem justamente ao criar processos de identidade. (p.31). Então entramos na questão da identidade.

## 2.2 Identidade Cultural

O Japão conseguiu romper alguns paradigmas culturais e de identidade sem perder sua “tradição”. Coloco a palavra tradição entre aspas no sentido de que “cada conquista subjugou povos conquistados e suas culturas, costumes, línguas e tradições, e tentou impor uma hegemonia cultural mais unificada” (HALL, 2005. p.60). Dessa forma, toda tradição que vemos não é nada mais que a tentativa de criação de uma cultura nacional unificada. Essas culturas:

[...] são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações. Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. (HALL, 2005.p.50)

No Brasil vemos essas mesmas questões, mas de uma maneira ainda mais acentuada pelo fato de ser um grande híbrido cultural, ser um país grande territorialmente e gerar uma necessidade fundacional de se criar tradições inventadas para unificar esse povo:

Tradição inventada significa um conjunto de práticas..., de natureza ritual ou simbólica, que buscam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, a qual, automaticamente, implica continuidade com um passado histórico adequado. (HALL, 2005,p.54)

A cultura nacional buscando unificar esse sujeito acaba tentando subordinar sua própria diferença e individualidade. Até podemos entender o desejo de construir as memórias de um povo e viver em conjunto de uma nação, mas vivemos em um mundo globalizado. E Hall complementa:

Globalização se refere àqueles processos, atuantes numa escala global, que atravessam fronteiras nacionais, integrando e conectando comunidades e organizando em novas combinações de espaço-tempo, tornando o mundo, em realidade e em experiência, mais interconectado ( 2005, p.67 ).



E é nesse mundo que vivemos e nele significamos. Hall ( 2005 ) também diz que não somos os mesmos desde que nascemos, somos formados em um diálogo contínuo entre nosso “eu real” e o mundo cultural exterior. E nossa sociedade é caracterizada pela diferença, pelas posições do sujeito e sua articulação com o mundo. Este sendo um sujeito fragmentado

O sujeito previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. (HALL, 2005,p.12)

A citação só reforça a idéia de que esta realidade cultural imposta é castradora e que a tendência desta “modernidade tardia”<sup>5</sup> é retirar seus recursos ao mesmo tempo de diferentes tradições culturais. O autor também nos fala que alguns teóricos argumentam a tendência em direção a uma maior interdependência global que leva ao colapso das identidades culturais fortes e produzindo uma fragmentação dos códigos culturais, trazendo uma multiplicidade de estilos com ênfase no efêmero, no flutuante, no impermanente, na diferença e no pluralismo cultural. Estas são questões também bem comuns na arte contemporânea, que irei tratar nessa pesquisa.

Essas questões do colapso de identidades nos mostram apenas que o apego irracional a um nacionalismo – como era o do Japão – deve dar lugar a identidades mais universalistas. Afinal, antes de um país, somos humanidade.

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por Hall (2005)



Figura 03 – Jovens nas Ruas de Harajuku no Japão  
Fonte:<http://1.bp.blogspot.com/>

### 3 O CORPO

Diferentemente da visão biológica de corpo, aqui temos um corpo subjetivo, corpo-imagem, que é projetado culturalmente:

O “corpo” não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais. A distribuição da função e da responsabilidade entre o corpo e a mente ,o corpo e a alma, difere extremamente segundo o século, a classe, as circunstâncias e a cultura, e as sociedades com frequência possuem uma pluralidade de significados concorrentes.(PORTER apud LIMA, 2009,p.8)

Nessa mesma visão temos o conceito de Castilho (2008) de que o corpo humano seria uma estrutura de linguagem e que o ser humano decora-o e ornamenta-o por meio de ações combinatórias que formam um texto. Este corpo-texto que trato na pesquisa é agente principal no desenvolvimento cultural de um povo. “[...] os corpos se constituem entre discursos, instituições e corporeidade e, portanto, natureza e cultura se acham intimamente entrelaçadas” (VILLAÇA, 2009.p. 32).

Tamanha importância do corpo no contexto cultural e social que para (FOUCAULT apud VILLAÇA, 2009. p. 33) o corpo não só recebe sentido pelo discurso, mas é inteiramente constituído pelo discurso.

Também para Sander ( 2009, p.7 ):

O corpo: superfície de inscrição dos acontecimentos ( enquanto a linguagem os marca e as idéias os dissolvem), lugar de dissociação do Eu ( ao qual ele tenta atribuir a ilusão de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização. A genealogia , como análise da proveniência, está, portanto, na articulação do corpo com a história. Ela deve mostrar o corpo inteiramente marcado pela história, e a história arruinando o corpo.

Conforme o mesmo autor (2009. p.4) se partirmos do corpo identitário: “é para chegarmos às corporeidades, como processualidades corporais, e potências nos processos de subjetivação, no sentido de nos conduzir mais próximos a um corpo-invenção.”

Esse corpo que inventa é também um corpo artista que vive sua corporeidade, seu processo e está em constante mudança porque como diz VILLAÇA (2008. p. 35): “Pensar o corpo, hoje, é pensar suas performances, numa

visão que o contemple como um dos elementos constitutivos do amplo universo semiótico, em que se produzem as subjetividades.” Esse corpo e corporeidade não são físicos, eles se desconstroem e re-significam-se das mais diversas maneiras.

Observo, com o advento da internet, as subculturas e culturas urbanas tem crescido, mas essas pessoas que conseguem viver assim vivem sob a sombra do preconceito, e algumas realmente se encaixam no padrão aceito, e esquecem-se muitas vezes de quem são jogando-se em relacionamentos, apegando-se ao outro e utilizando-se disso como meio de inspiração, por não conseguirem ver nada de interessante em si mesmos. Aquele que é diferente, o irrita, ele não pode ser assim, não está na configuração que você recebeu, as coisas precisam manter uma ordem, o pensamento cartesiano precisa continuar. Esses pensamentos são muito comuns numa maioria.

Tatuagens, piercings, maquiagem, cirurgias plásticas, escarificação, pinturas, queimaduras (branding), além de vestimentas e adornos corporais – são maneiras de construir a relação de identidade e alteridade por meio do próprio corpo, Ele é, afinal, nossa existência materializada e estetizada. (CANTON, 2011. p. 35).

Modificações, significações e re-significações estão ligadas diretamente ao corpo como suporte de expressão e a arte.

### **3.1 CORPO e ARTE**

A arte contemporânea vem trazendo temáticas atuais e de relevância social às suas reflexões. De acordo com Cocchiarale (2007, p.15) a arte contemporânea “não é um campo especializado como foi a Arte Moderna. Centradas na busca de uma arte autônoma em relação ao universo temático, particularmente aquele do naturalismo acadêmico”. Visando essa autonomia buscamos criar uma ligação entre a arte e questões fortemente atuais como a identidade. “A idéia que as pessoas seriam unitárias, está em crise. O que aparece no mundo contemporâneo é a possibilidade de uma nova noção de pessoa, fragmentária”. (COCCHIARALE, 2007. p.20). Seguindo como base esse conceito de identidade, que deixa cada vez mais as pessoas confusas sobre o seu eu e o que ele representa, buscamos exteriorizar

esses fragmentos de identidade e interiorizar valores de cultura ou fragmentos de culturas já existentes. Segundo Castilho (2008, p.37):

[...] uma vez que o indivíduo se considera *incorporado* a determinado grupo, ele assume traços de identificação que permitem a assimilação de sua cultura, já que age sempre observando e comparando a si mesmo com os outros: quer por traços de similaridades, quer traços de diferenças, esse sujeito semiótico consegue construir sua auto-identidade.

Buscando essa identidade entramos na questão do corpo e a sua função em significar e expressar a identidade. Ainda de acordo com o mesmo autor:

O sujeito, por meio do corpo como suporte e meio de expressão, revela uma necessidade latente de querer significar, de reconstruir-se por meio de artifícios inéditos, geradores de significações novas e desencadeadoras de estados de conjunção ou disjunção com os valores pertinentes à sua cultura (2005, p.36).

Castilho ainda afirma que a vestimenta tem uma função mais simbólica do que funcional. “Os vários elementos que compõem o vestuário no desenvolvimento da história humana apresentam um caráter muito mais simbólico que funcional (2005. p.36). Com isso podemos perceber a importância histórica que a maneira de vestir-se tem na questão da expressão e da identidade.

Esse discurso é ligado à arte que “nada mais é do que a capacidade do homem de expressar em matéria – pedra, tecido, papel ou outras formas – as interiorizações, criações e retratações do mundo em que vive.” (CESAR, 2007. p.23). Que através do corpo como suporte encontra sua forma de expressão. “Ele, o corpo, constrói assim significados, manifestações textuais que se deixam apreender e significar pelos efeitos de sentido que produzem justamente ao criar processos de identidade” (CASTILHO, 2008. p.31).

Buscando a expressão do visual shock no Japão que serviu como válvula de escape para o exagero da unificação da cultura nacional japonesa. “Uma cultura nacional busca unificá-los numa identidade cultural, para representá-los todos como pertencendo à mesma e grande família nacional” (HALL, 2005. p. 59). E fez também com que os japoneses se desenvolvessem muito rapidamente sobre sua identidade fragmentada, como expressá-la e como lidar até com os seus *eus*. O que não ocorre no nosso país como uma maioria, “onde as partes ‘femininas’ do eu masculino, por exemplo, que são negadas, permanecem com ele e encontram expressão

inconsciente em muitas formas não reconhecidas, na vida adulta” (HALL, 2005. p. 63).

Cocchiarale (2007) conta em seu livro que estava com uma amiga num museu na Inglaterra e ela o questionou sobre um casal se beijando, se eram duas garotas. Na verdade era um rapaz e uma garota, ele, usava batom e unhas pintadas. Ele nos faz refletir sobre identidade, e nos diz que no mundo contemporâneo não é mais possível fixar e estabelecer uma identidade. As maquiagens e roupas extravagantes do Visual Kei japonês também nos fazem refletir essa mesma questão.

Então seguindo a linha em que moda é construção de identidade, corpo é suporte para expressão desta identidade. Em que ela, a identidade, é fragmentada, recebendo traços de culturas diversas, interiorizando estes traços e exteriorizando seus próprios pensamentos. Fica claro que a conexão do corpo como suporte para expressão com a Arte, servindo como forma de construção e re-significação da identidade do sujeito tem função relevante para a sociedade contemporânea.

### **3.2 CORPO e CIDADE**

O corpo identitário se comunica principalmente na cidade. É basicamente nesse espaço social que ele comunica, e esse espaço tem memórias, as dele e as que o indivíduo constrói juntamente, essa é a relação que se estabelece entre o corpo e a cidade. A cidade inscreve no corpo e o corpo significa a cidade em sua cartografia. Como afirma Jacques (2009, p.130):

Chamaremos de corpografia urbana este tipo de cartografia realizada pelo e no corpo, ou seja, as diferentes memórias urbanas inscritas no corpo, o registro de experiências corporais da cidade, uma espécie de grafia da cidade vivida que fica inscrita, mas, ao mesmo tempo, configura o corpo de quem a experimenta.

A cidade não é o que um arquiteto planejou, nem o que uma minoria dominante escolhe que seja. São os habitantes, os sujeitos que habitam e permeiam essa cidade com sua corpografia, que definem o que ela é:

São as apropriações e improvisações dos espaços que legitimam ou não aquilo que foi projetado, ou seja, são essas experiências do espaço pelos habitantes passantes, ou errantes que reinventam esses espaços no seu

cotidiano. (JACQUES,2009,p.132)

Existem maneiras de se vivenciar a cidade, muitas vezes andamos várias vezes no mesmo lugar e não o notamos, ou mesmo que o notemos, não participamos ativamente de sua configuração, não construímos e desconstruímos nada subjetivamente. E quando o fazemos é sem intencionalidade. Por isso para vivenciar a cidade propositalmente é preciso ter um corpo errante, para Jacques (2009, p.132) “Os praticantes da cidade, como os errantes, experimentam os espaços quando os percorrem e, assim, lhe dão “corpo” pela simples ação de percorrê-los.”

Você pode ser um errante sozinho ou em grupo, essa muitas vezes é a forma como as tribos urbanas se colocam, mesmo que nem todos que pertencem a elas percebam. O fenômeno da errância das tribos acontece, por serem parte de uma contracultura ao que é regido pela sociedade dominante.

Ribeiro e Fuzeto (2010, p.4) em seu artigo nos falam dos conceitos de tribo urbana trazendo primeiro o de Maffesoli que diz que as tribos são como agrupamentos constituídos de pessoas que se aproximam por identificação comum a rituais e elementos da cultura expressando valores, estilo de vida, moda, música e lazer típicos de um espaço-tempo. Já Coutinho conceitua como uma resposta a uma sociabilidade frouxa, definindo as tribos como uma lógica hedonista expressando o valor do aqui-agora, algo muito comum da nossa contemporaneidade. Para Castro a identidade é buscada em marcadores imaginários: roupa, cabelo acessórios – para ele isso é tribo. E complementando, no que acredito ser um dos mais significantes, a questão territorialista de Madrid que as tribos imprimem sua especificidade pela ocupação e domínio de certo recorte do espaço urbano marcando sua presença de maneira ruidosa.

Viver a cidade nada mais é que deixar seu corpo ser marcado e deixar marcas. “A errância urbana é uma apologia da experiência da cidade, que pode ser praticada por qualquer um, mas que o errante pratica de forma voluntária” (JACQUES, 2009, p.133).

Esse corpo-artista, precisa ser ativo, precisa experimentar a cidade, significá-la, desconstruí-la e se re-significar enquanto corporeidade, pois tanto corpo como cidade, são basicamente processo.

## 4 A EXEMPLO OS ARTISTAS

Muitos artistas vêm trabalhando a questão do corpo, principalmente na arte contemporânea. Segundo Lucia Santaella (2008, p. 65), a partir do século XX, o corpo humano deixa de ser mera representação e passa a ser uma questão, um problema que a arte vem explorando sobre multiplicidade de aspectos e dimensões que colocam em evidência sua impressionante plasticidade e poliformismo.

A partir dos anos 70, grande parte das manifestações artísticas foi voltada para o corpo.

Este corpo vivo do artista como suporte de arte teve início com Duchamp e continuou em performances, happening, Fluxus dos anos 50 e 60. Estes extremamente ligados ao corpo.

A performance trata-se de uma ação (atuação do artista) que acontece de forma delineada, mais não ensaiada. Combina elementos do teatro, das artes visuais, da dança e da música. A performance se torna gênero artístico independente a partir do início dos anos 70.

Para Roselee Goldberg (1979 apud GUARDA, 2009, p.3):

[...]o percurso da arte da performance, seguindo a trajetória da arte, começa no rituais tribais, passa pelos dramas da Paixão da Idade Média e pelos espetáculos do Renascimento. Ela dá forma para idéias conceituais a respeito da arte, passa pelos futuristas e dadaístas, divulga a body art, funcionando sempre como uma espécie de tubo de ensaio para outras formas, sinalizando e contribuindo para o renascimento de novas vertentes.

O happening é como uma performance ou uma proposta, tendo como diferencial a participação do público, ou ação única do público. O artista pode ser participante ou propositor.

### 4.1 Flávio de Carvalho

Flávio de Carvalho foi um artista modernista, todavia pode ser considerado um importante antecessor das performances no Brasil. Dos seus trabalhos, as *três experiências*, denominação que ele dava às suas práticas



interdisciplinares, desvinculadas das categorias artísticas tradicionais merecem um olhar mais atento. Na primeira delas, em 1931, o artista introduziu-se numa procissão de Corpus Christi mantendo um boné na cabeça, o que na época se revelava como gesto extremamente agressivo e desrespeitoso, e ainda, na contramão do fluxo dos fiéis, testava os limites da massa religiosa. A ação, que só não terminou em linchamento graças à intervenção da polícia, foi nomeada e meses depois descrita por ele mesmo como *Experiência n.2*. Na outra, *experiência n.3*, realizada em 1956, o artista percorreu o centro da cidade de São Paulo com o traje *New look* – proposta de uma roupa tropical para o homem brasileiro, que consistia em uma saia, blusa de mangas fofas, chapéu de organdi com largas abas e meias arrastão.

Essas e outras experiências dele constituem testemunhos de uma ação precursora na trajetória da performance no Brasil, e ainda levantam questões atuais como identidade, identidade cultural, moral e diretamente ligadas ao corpo.



Figura 04 – Experiência n.3, 1956 – Flávio de Carvalho

Fonte: <http://vervelingerie.files.wordpress.com/2010/06/flavio-de-carvalho-153-g.jpg>

## 4.2 3Nós3

Eu poderia citar Marina Abramovich, Hélio Oiticica, Lygia Clark e tantos outros artistas fundamentais para os estudos de performance e corpo, mas acredito que levando em conta o objetivo da pesquisa, o grupo 3Nós3<sup>6</sup> vem diretamente ao encontro dessa errância urbana que falei anteriormente

No final da década de 1970, especialmente em São Paulo, surgiu uma geração de jovens artistas interessados em realizar ações e obras que ocupem diferentes espaços da cidade, como muros, paredes, estátuas, monumentos, túneis, avenidas, prédios e ruas. Ao mesmo tempo em que procuravam alternativas para o circuito de museus e galerias de artes, esses artistas atuavam sem a permissão das autoridades competentes, como era o caso do grafite, da pichação poética e de outras formas de intervenção e comunicação urbanas, então emergentes. Entre os grupos ativos nessa época estava o 3Nós3.

Formado em abril de 1979 pela reunião dos artistas paulistanos Hudinilson Jr. (1957), Mario Ramiro (1957) e do gaúcho Rafael França (1957-1991), o 3nós3 entra para a história ao realizar, em seus quatro anos de existência, 11 intervenções públicas. Em todas elas, a marca da transgressão, da ilegalidade e da manifestação de pensamentos e práticas marginais aos processos oficiais. O grupo, que contou com o patrocínio da empresa Plastic Five - Indústria e Comércio de Plásticos em vários projetos, atuou até o ano de 1982.

O primeiro trabalho do 3Nós3 é o Ensacamento, realizado durante a madrugada de 27 abril de 1979, quando os três artistas cobriram estátuas e monumentos públicos com sacos de lixo que só foram removidos durante a manhã, causando polêmica e confusão. Os jornais Folha da Tarde, Última Hora e Diário da Noite reportaram o acontecido, além de caracterizá-lo como um fenômeno que se propaga via meios de comunicação. No mesmo ano, no dia 6 de julho, o segundo projeto do grupo é concretizado. Chamado Operação X-Galeria, a ação consistiu no fechamento das portas de várias galerias de arte com um adesivo/lacre em forma de “X” e com folhas de papel mimeografadas afixadas com a frase: “o que está dentro fica, o que está fora se expande”.

---

<sup>6</sup> ENCICLOPÉDIA ITAU CULTURAL - ARTE E TENCLOGIA (Brasil). **Grupo 3NOS3**. Disponível em: <<http://www.cibercultura.org.br/tikiwiki/tiki-index.php?page=Grupo+3NOS3>>. Acesso em: 10 jun. 2011

Por fim, em 21 de setembro, para efetivar Interdição os três artistas utilizaram faixas compridas de diversas cores de papel celofane para bloquear o tráfego no cruzamento da Avenida Paulista, na frente do Museu de Arte de São Paulo, o MASP. Embora de duração efêmera, essas performances/intervenções alteraram radicalmente a paisagem e o fluxo urbanos e desdobraram-se através dos meios de comunicação (reportagens jornalísticas em mídia impressa e televisiva, fotografias, telefonemas, boca-a-boca), desenhando-se, também, como uma forma precoce do que viria a ser chamado de “artemídia”, posteriormente.



Figura 05 – Ensacamento de Estatua pelo grupo 3NÓS3  
Fonte :<http://bp3.blogspot.com>

No ano seguinte, em 1980, o 3Nós3 realiza outras três intervenções. Em janeiro, na cidade de Porto Alegre (RS), a palavra “arte” é escrita em luzes cintilantes na fachada do Instituto de Previdência do Estado para dar vida à obra de mesmo nome: ARTE. A seguir, em maio, é a vez do provocativo Suprematismo: uma forma triangular preta e branca instalada sobre a parede do prédio da antiga Indústria Matarazzo. Depois disso, em julho, eles produziram Intervenção IV, uma intervenção em larga escala onde utilizaram 100 metros de polietileno vermelho sobre a faixa de pedestre no cruzamento das avenidas Paulista, Rebouças e Dr. Arnaldo. O evento foi noticiado pela Rede de Televisão Globo e pelos jornais Folha de São Paulo e O Estado de São Paulo.

Em 1981, Hudinilson, Mario e Rafael criam três outras performances: Conexão, B'81 e Arco 10. Conexão (fruto da contração de 'conexão' com 'ação') aconteceu no cruzamento das avenidas Rebouças e Dr. Arnaldo e não passou despercebido dos meios de comunicação. Metros e metros de filme polietileno foram colocados na grade de ventilação do metrô numa área coberta de grama. Já B'81 aconteceu por ocasião da XVI Bienal Internacional de São Paulo, no Parque do Ibirapuera. Novamente, filmes de polietileno, 50 metros deles, foram esticados em frente da entrada antiga do prédio da Fundação Bienal, conectando os dois extremos da quadra Armando de Arruda Pereira e cobrindo o busto de bronze do prefeito. O projeto foi apresentado dentro do Núcleo I, desta Bienal. Arco 10, em dezembro, foi a segunda grande intervenção do 3Nós3. 100 metros de papel celofane amarelo foram dispostos sobre o viaduto da Avenida Dr. Arnaldo.

A última intervenção do grupo, 23 Maio, aconteceu em 1982 e foi assim chamada justamente por ter ocorrido numa área gramada da avenida de mesmo nome. A mudança de Rafael França para Chicago, nesse mesmo ano, marca o fim das atividades do grupo 3NÓS3. Após sua dissolução, cada um dos integrantes seguiu seu caminho. Hudinilson Jr. e Mario Ramiro vivem e trabalham em São Paulo. Rafael França faleceu em 1991 em Chigaco, aos 34 anos.

## 5 A METODOLOGIA e A OBRA

A pesquisa de TCC intitulada: A arte como corporeidade da identidade cultural inscreve-se na linha de pesquisa Processos e Poéticas do Curso de Artes Visuais, bacharelado da UNESC.

Esta pesquisa qualitativa é fundamentada nas áreas de arte contemporânea e identidade cultural, desta forma será analisada a qualidade dos dados recolhidos na pesquisa. Creswell (2007, p.184) assim a define:

A investigação qualitativa emprega diferentes alegações de conhecimento, estratégias de investigação e métodos de coleta e análise de dados [...]. Os procedimentos qualitativos se baseiam em dados e usam estratégias diversas de investigações.

Com base em um levantamento bibliográfico sobre artistas que trabalharam e trabalham a questão do corpo na arte trago um olhar sobre a arte contemporânea e suas relações com a identidade do sujeito. Dentro deste campo me aprofundo nos questionamentos acerca do corpo-identitário e sua processualidade na arte, com as implicações trazidas neste bojo a partir da cidade, identidade e corpo como suporte para a expressão artística, de que maneira isso acontece?

Quanto aos objetivos classifica-se como pesquisa exploratória. Segundo Gil, (2008, p. 41), esse tipo de pesquisa:

[...] tem como objetivo, proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito, ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a considerações dos mais variados aspectos relativos ao fato estudo.

Seguindo a proposta desta pesquisa, que inclui a apresentação de um trabalho artístico, tomo como espaço de performance a cidade e o corpo. O trabalho tem como foco a identidade e a questão de que cada sujeito e sua relação com sua identidade e com a subjetividade da cidade é única, mesmo que se dê em grupo.

Aproprio-me, para a produção artística, da idéia de proposição:

Entre as múltiplas possibilidades de alargamento da noção de performance nas artes visuais, cumpre-nos, ainda , destacar neste último segmento os procedimentos que requerem outra ação para a sua realização: o ato (do artista) como ativador de outros atos (dos participantes), endereçando de imediato a noção de obra como proposição ou como instrução. (MELIM, 2008,p.57)

Essa noção é bastante utilizada pelo grupo Fluxus, com a idéia de expresso de circulação e multiplicação por meio da participação. Utilizavam cartões com proposições para serem usados, alterados e desdobrados. Ou até mesmo no fato de permanecer a ação dentro apenas da cabeça do sujeito, a proposição já cumpre sua função.

Então seguindo esse pensamento, minha proposta artística é, durante a exposição dos trabalhos de conclusão de curso do Curso de Artes Visuais – Bacharelado 2011/1 colocar uma caixa com proposições para serem executadas pelos visitantes e deixar um contato para caso eles queiram compartilhar as experiências, só no quesito memória mesmo, porque a obra em si é o processo, o pensar, a ação urbana, a obra está no pensar – talvez – fazer - e todo o resto é apenas consequência e ramificação disso.

Não vejo necessidade de registro e nem de ter executado algo antes, pois como é conceitual e processual a obra está na proposição como diz Phelan (apud Melim, 2008, p.37):

Atos não se repetem. Performance é viva somente no presente. Não pode ser conservada, gravada, documentada, do contrário, isso será outra coisa. A documentação da Performance através de fotografias ou vídeos é somente um estímulo para a memória, um encorajamento da memória para tornar-se presente. Performance implica o real, através da presença física do corpo.

Coloquei uma caixa 100 cartões com 14 proposições diferentes. Algumas proposições farão referência a trabalhos artísticos de artistas que estão expondo e que já expuseram seus trabalhos na Fundação Cultural de Criciúma, com a função de estimular não como obra, mas como experiência artística ligada ao corpo e a cidade e que pode ser repetida pelos participantes. A maneira como estarão expostos não é relevante, preferencialmente adaptando-se ao espaço, o importante é a mensagem. Neste caso, utilizo-me das gavetas do laboratório da galeria de arte contemporânea de criciúma, onde coloco em vermelho a palavra abra em uma das gavetas, causando a provocação onde há o questionamento se a gaveta, que

normalmente fica fechada, é para ser aberta ou não, tornando-se obra apenas quando o participante resolve agir e abri-la.



Figura 6 – Refluxo Urbano  
Fonte: Arquivo Pessoal

Para esclarecer melhor a proposição, trago aqui alguns exemplos dos textos que colocarei nos cartões:

- 1- Coloque uma camiseta num monumento de forma humana, em que esteja escrito algo que ele não é, e com isso mude o significado total dele. (Exemplo: Vestir o Mineiro com uma camiseta escrita: BOMBEIRO) Solte sua criatividade.
- 2- Pinte seu cabelo de alguma cor que não exista tinta com amônia. (Descolorir, misturar anilina com creme de pentear e passar no cabelo, deixe 30 min e lave, não se preocupe a anilina sai da sua toalha, ou não)
- 3- Vista-se da maneira como só você acha bonito e saia na cidade como um errante viva a cidade. (Não tenha vergonha, quem está te olhando estranho que deveria ter)

4 - Combine com um grupo de amigos para se vestirem representando alguma cultura e passem uma tarde no centro de sua cidade. (É reconfortante estar em grupo)

5 - Desenhe em seu corpo nú com uma caneta. De preferência ligando as pintas de seu corpo (Em Homenagem a artista Daniele Zaccarão)

6 - Faça um stencil crítico pela cidade. (Homenagem a Diógenes Constantino)

7 - Cole cartazes defendendo a liberdade de expressão. (Homenagem a Vanessa Biff)

8 - Carregue uma bolsa vazia, vá ao lugar mais alto de sua cidade, coloque na bolsa toda a luz que puder.

Volte para casa quando escurecer. Pendure a Bolsa no meio de seu quarto no lugar de uma lâmpada. (Apropriação da proposição de FLUXUS -Peça luz,outono 1963).

09 - Coma grama, e mastigue bem pensando no porque as vacas o fazem. (Reflexão sobre Priscila Davanzo)

10 - Fotografe os monumentos da sua cidade e faça um álbum, mostre para alguém e convença-o que os monumentos são importantes (Homenagem a Ana Clara Picolo)

11- Troque de roupa com um amigo seu e passe o dia como se fosse ele. "A roupa é extensão do corpo (Homenagem a Cristine Nasário Gomes)

12 – Faça Proposições aos outros, aproveite os resultados

13 – Abraçe e beije seus amigos e amigas no rosto , aja carinhosamente de uma maneira que as pessoas se assustem. (é importante confrontar a sociedade)

14- Faça uma tatuagem ou coloque um piercing neste semestre. (Leve isso como uma ordem artística, porque se você esperar ter coragem pode ser tarde demais)



A obra se chama “REFLUXO URBANO”, fazendo ligação à reapropriação das proposições executadas pelo grupo FLUXUS ligando-o diretamente ao Urbano, pois minhas proposições falam diretamente da cidade. E o refluxo está ligado ao corpo e ao jogar pra fora algo que já foi digerido, ai também entra a questão de citar/homenagear poeticamente obras de alguns artistas, no sentido de que aquilo que eu digeri como obra e pesquisa, estou “vomitando” como proposição não de “Obra”, mas de experiência corporal e estética, de performance. Não estou transformando o participante em artista, pois não é esta a função. E também as obras referenciadas têm uma ampla pesquisa, não é minha intenção simplificá-las, muito pelo contrário, é fazer referência poética a verdadeiras obras que são experiências estéticas que todos errantes urbanos deveriam ativamente participar e vivenciar.

## 6 CONCLUSÃO

O corpo é uma questão fundamental da contemporaneidade, a questão da identidade no nosso mundo globalizado e fragmentado é socialmente e culturalmente algo muito importante, e por ser de grande importância também o é na arte que reflete diretamente o âmbito social.

No Brasil, cada vez mais jovens são criados para serem menos do que poderiam ser, por medo da opinião alheia, ficam tímidos, agressivos, ou simplesmente contentam-se com o medíocre ou o simples. Por medo de expressarem-se, por precisarem que um meio de comunicação em massa lance o que se pode ou é certo utilizar em seu corpo para expressar-se. Com medo de ser reprimido, e sempre sendo diminuído quando tenta ser diferente, pelos colegas, amigo e até professores e pais. A necessidade de uma reciclagem na maneira de pensar o outro, de repensar o verdadeiro significado de liberdade de expressão, e de se receber apoio por isso, porque para um jovem sair, completamente diferente da maioria, ele precisa de muito apoio, pois mesmo que pela primeira vez ele sinta-se ele mesmo e esteja feliz com isso, não está pronto pra enfrentar o bombardeio do mundo. Há uma urgente necessidade de um suporte pra isso, e a arte é uma manifestação que tem isso em comum, a necessidade da mudança, do choque, do não ter regras.

As pessoas, em todas as idades precisam de desculpas para fazerem o que querem, às vezes utilizam-se de uma “festa a fantasia” para vestirem-se como gostariam.

Nossa sociedade é acostumada a sorrir e ficar calada, a não ser transgressora e ativista isso é algo que a arte vem trazer e a arte deveria movimentar as pessoas a isso, e não ser elitista. Por isso minha obra traz essa reflexão, contextualizando com artistas que fizeram coisas que chocaram sua época, não porque estão erradas, mas porque fazem pensar, fazem reconfigurar a realidade urbana, assim como nós deveríamos estar fazendo como sujeitos pensantes e críticos, qualidades que a escola teria como função formar.

A arte hoje é processo e ela é incompleta quando não comunica e não reconfigura o sujeito de alguma forma. Ela só cumpre sua função quando encontra eco no sujeito, e não há maneira mais direta de fazê-lo do que o próprio sujeito agir, praticando sua corporeidade e fazendo a diferença.

Aliás, diferença que é o ponto de início dessa pesquisa tomou duas conotações diferentes que se complementam. A primeira do sujeito fragmentado único tentando expressar-se e não ser excluído por ser diferente toma lugar a uma que nos exige como sujeitos ativos sermos diferentes, fazermos a diferença, como ação modificadora e transgressora.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANTON, Katia. **Corpo, identidade e erotismo**. 2. ed. São Paulo: Wmf Martins Fontes, 2011. 62 p.

CASTILHO, Kathia; MARTINS, Marcelo M. **Discursos da Moda: semiótica, design e corpo**. 2. Ed. Rev. E atual. São Paulo: Anhembi Morumbi, 2008. 112 p.

CESAR, Newton; PIOVAN, Marco. **Making of: revelações sobre o dia-a-dia da fotografia**. 2. ed. rev. ampl. Brasília: SENAC/DF, 2007. 427p.

CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007. 247 p.

COCCHIARALE, Fernando. **Quem tem medo da arte contemporânea?**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco: Massangana, 2007. 77p.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008. 175 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10.ed Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.

JACQUES, Paola Berenstein. **Corpografias Urbanas: a memória da cidade no corpo**. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia de. **CORPO: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 129-141.

LIMA, Nísia Trindade. **Identidade e Mudança: O corpo em perspectiva histórica**. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia de. **CORPO: identidades, memórias e subjetividades**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 7-14.

MELIM, Regina. **Performance nas artes visuais**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 76 p. (Arte+).

OHARA, João Rodolfo Munhoz. **NEO JAPANESQUE: RELEITURAS E REPRESENTAÇÕES DO JAPÃO ATRAVÉS DO ROCK (1998-2009)**. 2010. 33 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de História, Departamento de

História, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e comunicação**: sintoma da cultura. 3ª ed. São Paulo: Paulus, 2008.

VILLAÇA, Nízia. **Os imagineiros do contemporâneo**: representações e simulações. In: VELLOSO, Monica Pimenta; ROUCHOU, Joëlle; OLIVEIRA, Cláudia de. **CORPO**: identidades, memórias e subjetividades. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009. p. 31-41.

## REFERÊNCIAS ELETRÔNICAS

GUARDA, Dirce. **Corpo e obra**: reflexões sobre o corpo na linguagem performática. Disponível em: <[www.ceart.udesc.br/Pos-Graduacao/revistas/artigos/dirce.doc](http://www.ceart.udesc.br/Pos-Graduacao/revistas/artigos/dirce.doc)>. Acesso em: 01 jun. 2011.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **"Narigudos" e Insatisfeitos, Graças a Deus!** Disponível em: <<http://www.casthalia.com.br/periscope/celiaantonacciramos/narigudoseinsatisfeitos/gracasadeus.htm>>. Acesso em: 05 abr. 2011.

RIBEIRO, Rafael; FUZETO, Laís Rafaela. **ACONSTRUÇÃO DE TRIBOS URBANAS ATRAVÉS DO CONCEITO DE TIPO-IDEAL: O CONSUMO COMO POSSIBILIDADE DE SER**. Disponível em: <<http://www.uel.br/grupo-estudo/gaes/pages/arquivos/LAIS%20e%20RAFAELA%20UEM%20-%20artigo%20%20GT%2002.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2011.